



Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



CUSTOS DÃO UM SALTO COM NOVO SALÁRIO MÍNIMO

Variação Mensal e Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	abr-05	Jan - abr/05	abr-05	Jan - abr/05	abr-05	Jan - abr/05	
Goiás	2,29%	0,75%	1,86%	1,06%	-1,96%	-8,36%	13,3%
Minas Gerais	6,23%	6,38%	4,69%	6,04%	-2,75%	-9,65%	13,7%
Mato Grosso	6,55%	6,26%	4,71%	4,99%	-1,55%	-8,19%	16,2%
Mato Grosso do Sul	4,73%	4,02%	3,93%	3,96%	-4,58%	-12,46%	16,4%
Pará	2,16%	4,47%	1,73%	4,03%	-2,99%	-7,07%	8,8%
Paraná	2,45%	2,68%	1,72%	2,65%	-2,62%	-10,25%	6,7%
Rio Grande do Sul	4,68%	4,95%	3,85%	4,66%	1,44%	-4,88%	9,6%
Rondônia	6,16%	7,04%	5,64%	8,91%	-1,71%	-7,25%	6,2%
São Paulo	4,98%	3,06%	4,38%	3,60%	-2,91%	-9,32%	9,2%
Brasil*	4,63%	4,41%	3,68%	4,29%	-2,31%	-8,87%	

*- Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

Variação dos Principais	
Indicadores	abr-05
IGP-M	0,86%
Acumulado Janeiro	2,42%
Taxa de Câmbio	-3,02%

Em abril, os reajustes do salário mínimo, já assimilados por muitos produtores rurais, e também do sal mineral aceleraram a marcha da pecuária de corte para seus piores patamares de todo o Plano Real. Além dos preços da arroba seguirem em queda em quase todos os Estados – exceção do Rio Grande do Sul –, agora, também os custos deixaram a estabilidade que apresentavam desde o início do ano. No acumulado de janeiro a março, o custo operacional total registrava ligeira alta de 0,58%, mas em abril, com o acréscimo de 3,68%, o acumulado saltou para 4,29%. No caso da arroba do boi, o movimento de queda se manteve. Nos quatro primeiros meses, o recuo médio já beira os 9%.

O questionamento sobre o que tem levado o setor a essa situação intensifica-se a cada mês e a resposta deve ser buscada no histórico da atividade. Até meados dos anos 90, as exportações de carne bovina brasileira ficavam entre 5 e 10% da produção nacional, em boa parte em função do péssimo histórico do setor que, não raro “vendia uma coisa, mas entregava outra”, além de romper contratos em decorrência de desajustes internos. Enfim, o segmento tinha o seu preço formado internamente e ponto final.

Na segunda metade da década de 90, a história começou a mudar. O país passou pela estabilização econômica, o consumo interno cresceu e o respeito às regras e aos contratos aumentou. Essas circunstâncias alimentaram um processo lento de crescimento, com as exportações de carne bovina passando de pouco mais de 137 mil toneladas em 1996 para cerca de 187 mil em 1998, segundo a Secex. Esse aumento gradual era fruto de melhorias do setor industrial e também do produtivo.

A indústria passou por um doloroso processo de falências e quebras na primeira metade da década de 90. As plantas mais obsoletas e muitos aventureiros caíram fora do negócio. Ao



Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



mesmo tempo, o desenvolvimento do conceito de informação on-line, o crescimento dos supermercados e das cozinhas industriais exigiu uma modernização da indústria.

Os produtores, com a estabilidade, deixaram de ter ganhos com a especulação do boi e precisaram garantir receita com produtividade. Logo, muitos “extratores” deixaram o mercado. Entre os ingredientes que caracterizam a profissionalização do produtor destacam-se a diminuição da idade de abate do boi, a adoção de manejo que aumentou o número de bezerras por lote de vacas e também o maior respeito à vacinação, especialmente depois dos problemas decorrentes dos casos da febre aftosa no Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul.

Em janeiro de 1999, os condutores da política econômica deram a sua contribuição: o Real sofre uma pesada desvalorização. O dólar iniciou aquele ano a R\$ 1,20 e em fevereiro seguinte custava quase R\$ 2,00. No cenário externo, vieram ainda as crises da vaca louca e depois da febre aftosa na Europa.

Nesse cenário, em pouco mais de cinco anos, o país se tornou o maior exportador de carne do mundo. O ciclo virtuoso iniciado em 1995 atingiu o seu ápice em 2003, com o dólar em torno de R\$ 3,00. No segundo semestre de 2004, porém, as coisas começaram a mudar para a pecuária, justamente num momento em que o país estava com as contas mais em ordem, crescendo firme, exportando muito e o otimismo ganhando força.

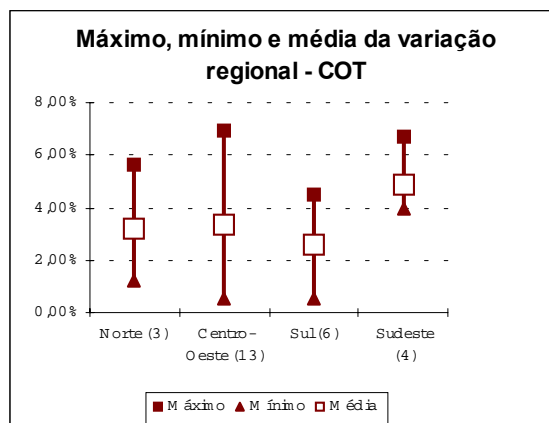
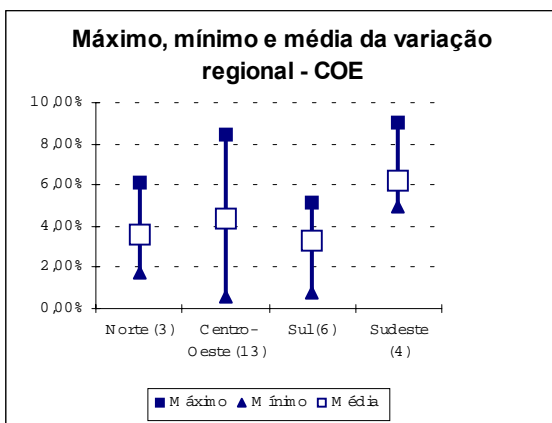
Entre junho de 2003 e maio de 2004, os custos acumularam alta de 5,28%, ao passo que o Real neste período depreciou-se em 7%, resultando numa pequena diminuição dos custos do boi em dólar. O boi produzido no Brasil continuou com o mesmo nível de custo em termos de dólar. De maio de 2004 a abril de 2005, os custos cresceram cerca de 11,9% e o Real se valorizou aproximadamente 15,5%. Isso significou o encarecimento de 32% aproximadamente da arroba em dólar, diminuindo a competitividade do produto nacional.

A conta fecharia somente se fosse possível aumentar o valor da tonelada de carne na mesma intensidade, ou seja, se o valor em dólar da tonelada de carne exportada tivesse uma elevação de 30% em dólar norte-americano.

A carne brasileira ainda é muito “mais comprada que vendida”. A indústria brasileira não tem força para pressionar e repassar a alta dos custos para os compradores da carne e o problema se volta para o produtor rural, que tem que se virar para aumentar produtividade.

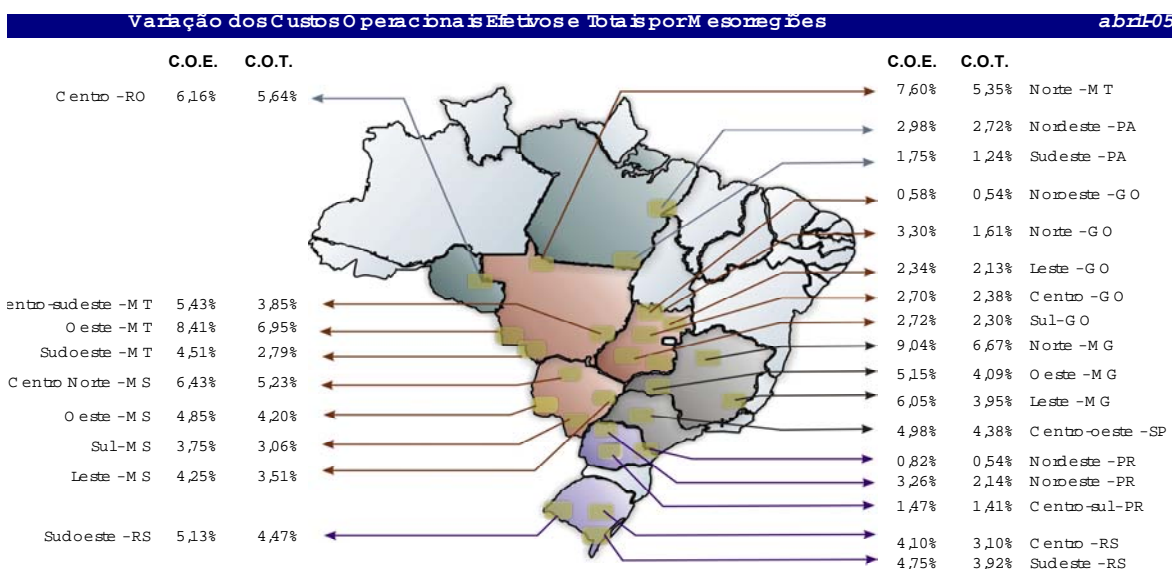


Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



Análise Regional e de Insumos

MÃO-DE-OBRA AUMENTA 50% EM DOIS ANOS



Os custos de produção da pecuária têm crescido em ritmo inverso ao comportamento dos preços da arroba. De janeiro a abril, os custos totais nos nove Estados abrangidos por esta pesquisa já aumentaram 4,3%, enquanto a média também ponderada do preço do boi caiu quase 9%.

Para agravar a contabilidade do pecuarista, neste ano, o reajuste concedido ao salário mínimo, que funciona como um indexador da mão-de-obra rural, foi de 15,4%. Oficialmente, o aumento incide sobre o trabalho de maio, a ser recebido em junho. Porém,



Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



no campo, muitos já anteciparam o repasse para abril. Nos últimos dois anos, o acréscimo do mínimo foi de 50%, sentido pelo pecuarista justamente pela elevada participação que a mão-de-obra tem nos custos totais. Com o novo aumento, esse item passou da casa dos 21% para 23%.

Entre os nove Estados avaliados nesta pesquisa, Rondônia apresenta o maior salário médio pago pelos pecuaristas. Além disso, neste Estado, a mão-de-obra é o insumo com segunda maior participação nos custos efetivos, perdendo apenas para São Paulo. Para os rondonienses, as despesas com funcionários equivalem, na média, a 38,6% do COE e, para os paulistas com atividade de cria, expressivos 46,8%. Contudo, é preciso destacar que a pecuária de corte de São Paulo paga o menor valor por mês a funcionário.

Tendo em vista a demanda por mão-de-obra, o acréscimo do salário mínimo terá maior efeito para os produtores de bezerras (atividade de cria) que para os de recria ou engorda. Na média dos nove Estados, os dispêndios com trabalhadores para a atividade de cria é de 31,6%, justificados pela necessidade de maior dedicação do funcionário nessa fase de produção. O manejo sanitário, alimentar e social do rebanho é mais delicado e, muitas vezes, exige mão-de-obra mais qualificada, encarecendo ainda mais os custos da atividade.

Uma prática essencial para a continuidade de taxas crescentes da produtividade da pecuária é a suplementação mineral. Nos últimos dois anos, esse insumo acumulou alta de 16,24%, chegando a ter aumentos contínuos por 13 meses (novembro/2003 a novembro/2004). Somente em abril o reajuste alcançou 1,1% na média geral, acumulando neste ano elevação de 2,1%. No entanto, é preciso lembrar que a utilização de sal mineral é um investimento na atividade, não podendo ser tratado apenas como um custo.

A constatação de que o sal mineral, que representa cerca de 14,5% dos custos totais, se torna cada vez mais caro motiva o pecuarista a reavaliar se o seu planejamento de compra e fornecimento aos animais está correto, evitando desperdícios. Antes de comprar, o primeiro passo é observar se o período proporciona a melhor relação de troca de arroba do boi por saco de suplemento.

A época da seca exige um consumo maior, mas o fornecimento do sal mineral deve ser contínuo, durante todos os dias do ano, em cochos adequados quanto ao número de animais, de fácil acesso, com altura adequada e preferencialmente cobertos, evitando perdas que provocam aumento nos custos.

No caso do sal mineral, tem-se uma oscilação dos preços durante o ano bastante influenciada pela demanda. Diante do histórico de cinco anos de preço médio do sal mineral no estado de São Paulo, observa-se que os menores valores são praticados no mês de dezembro, período de maior oferta de forragem e que o pecuarista, indevidamente, tende a diminuir o fornecimento do produto para o rebanho.

Os últimos meses do ano são também a época em que a arroba de boi alcança seus maiores valores, favorecendo a relação de troca do pecuarista. Com base no mesmo histórico, nota-



Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



se que em novembro e dezembro, era necessária apenas 0,47 arroba para adquirir um saco desse produto (25 kg com 90 gr de P), sendo este, portanto, o melhor período para a aquisição do suplemento mineral.

Por outro lado, junho é o mês de menor poder de compra do pecuarista. Este período combina seca, frio, falta de pastagem e ainda entregas relativamente grandes de lotes mantidos a pasto, que tradicionalmente caracterizam o final da “safra de boi”. São situações, portanto, que tendem, ao mesmo tempo, a aumentar a demanda por suplementação e também a oferta para abate, o que deprime os preços. O resultado é uma relação de troca bastante desfavorável ao pecuarista!

Acompanhar essa sazonalidade dos preços do boi e dos insumos pode ajudar o pecuarista a driblar os aumentos do sal, já que diminuir ou cortar o seu uso seria uma “economia burra” do ponto de vista de produtividade.

Os gastos com suplementação mineral variam entre os Estados e também de acordo com o sistema de produção. Com base nos dados dos painéis realizados com produtores especificamente para esta pesquisa, percebe-se que o Rio Grande do Sul é o que menos gasta com a suplementação mineral, nos diferentes tipos de sistema de produção (cria-recria-engorda). No outro extremo está Goiás, especialmente para o sistema cria-recria-engorda.

Outros itens importantes para a atividade pecuária e que têm registrado aumentos contínuos são os insumos para construção e manutenção de cercas. Em abril, depois da mão-de-obra, este foi o grupo que apresentou o maior reajuste, de 1,33%. A principal causa desse aumento mensal e do acumulado de 5% no ano é o encarecimento da matéria-prima (aço) no mercado internacional. No período de dois anos, esses itens acumularam alta de 38,3%, valor significativo quando observado que representam quase 5% dos custos totais.

Ainda no mês de abril, os insumos responsáveis pela maior movimentação nas casas agropecuárias foram os medicamentos (vacinas, controle parasitário e geral). Ao manejar o rebanho para a campanha de vacinação, o pecuarista aproveita para realizar o tratamento sanitário completo. Ciente da procura direcionada por vacina, mas do interesse por outros medicamentos, lojas agropecuárias costumam oferecer “pacotes promocionais”.

Nessa estratégia, os preços das vacinas chegam a baixar, apesar do aumento pontual da demanda, mas para os outros medicamentos podem ocorrer pequenos reajustes. De fato, as vacinas recuaram em quase todos os Estados – comparando-se os preços de abril aos de março – enquanto medicamentos em geral tiveram altas.

Nos últimos dois anos, os medicamentos em geral foram os que apresentaram maior valorização (20%), mas com uma participação nos custos de apenas 0,75%. Já as vacinas, que representaram em abril 1,5% dos custos totais, fecharam esse período de dois anos com um acumulado de 16,2%, resultado mais impactante no bolso do pecuarista do que os medicamentos em geral.



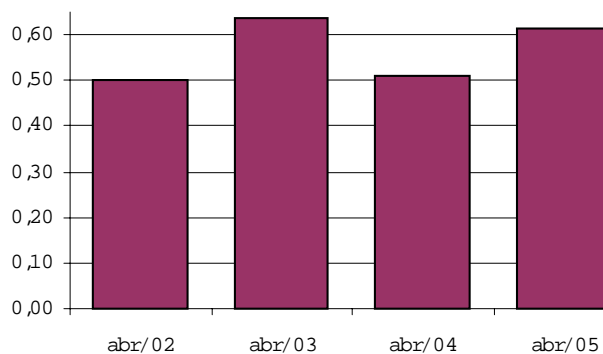
Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte Média Ponderada para GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR e SP				
	Ponderações COT		Variações Acumuladas COT	
	Abril	Jan - abr/05	Jan - abr/05	abr/05
Diesel em áreas rurais	5,81%		-0,36%	-0,02%
Lubrificantes	0,67%		2,74%	0,18%
Adubo em geral	3,85%		-2,27%	-0,40%
Calcáreo	1,13%		-1,55%	-0,77%
Sementes forrageiras	1,37%		0,72%	-0,25%
Suplementação Mineral	14,48%		2,15%	1,08%
Medicamentos - Vacinas	1,49%		-1,44%	-1,00%
Medicamentos - Controle Parasitário	1,12%		0,60%	0,14%
Medicamentos em geral	0,75%		2,00%	0,78%
Insumos para reprodução animal	0,60%		0,18%	0,20%
Insumos para construção/manutenção de cercas	4,71%		4,97%	1,33%
Construções em geral	6,73%		1,96%	0,52%
Máquinas e implementos agrícolas	7,65%		8,56%	0,95%
Serviço terceirizado de desmatamento	0,92%		1,12%	0,95%
Serviço terceirizado de máquinas pesadas	1,29%		0,30%	-0,11%
Compra de animais bezerro	9,08%		-0,56%	0,09%
Mão-de-obra	23,33%		15,37%	15,37%

Relação de Troca (Arroba de boi por insumo) Abril/2005 – Estado de SP

Sal mineral (@/saco 30kg)



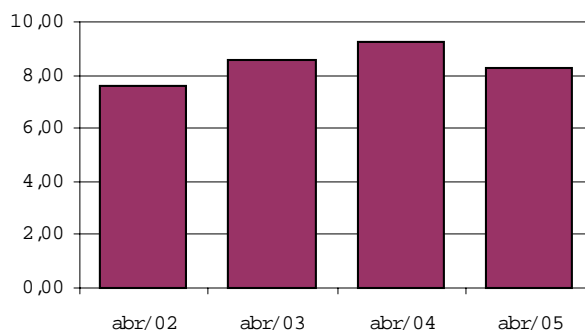
Sal mineral: Na análise mensal, a desvalorização de 3% no preço da arroba do boi gordo e a alta de 2,56% do sal mineral (90gr P) resultaram numa queda de 5,8% no poder de compra do pecuarista. Em março deste ano, com 0,58 arroba era possível comprar 1 saco do suplemento mineral; já no mês seguinte, para adquirir a mesma quantidade foi necessária 0,61 arroba. Em um ano, a queda no poder de compra do pecuarista foi ainda maior. Em abril de 2004, 0,51 arroba equivalia a um saco de sal mineral, quase 20% a menos que em abril deste ano. Essa perda decorre do aumento de 12% do sal mineral e da desvalorização de 6,41% da arroba nos últimos 12 meses no Estado de São Paulo.

Arame Ovalado (@/1000 m)



Cercas: O arame ovalado usado na construção e manutenção de cercas registrou alta de 1% em seu preço de março para abril, ocasionando uma queda no poder de compra do produtor de 4,2%. Em março, 3,93 arrobas eram suficientes para a compra de um rolo de arame liso de 1.000 metros, enquanto em abril foram necessárias 4,09 arrobas em troca da mesma metragem. Já em relação a abril do ano passado, a valorização do preço do arame chegou perto dos 25%, devido à grande demanda da China por aço. Isso acarretou ao produtor perda de 33,15% em seu poder de compra nos últimos 12 meses, lembrando que em abril do ano passado 3,07 arrobas bastavam para a aquisição do produto.

Superfosfato Simples (@/t)



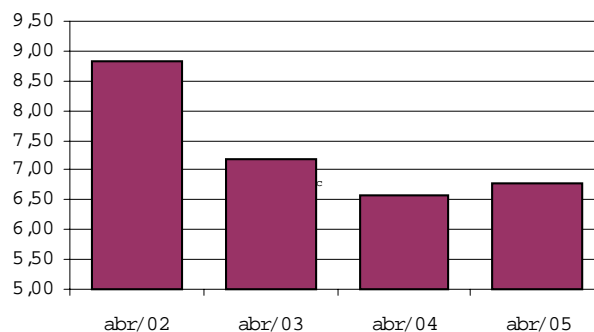
Fertilizantes: Mesmo com o aumento dos preços no mercado internacional dos adubos em geral, a desvalorização de 3% na taxa de câmbio de março para abril ocasionou uma pequena retração nos preços desses insumos no mercado interno. No caso do Superfosfato Simples comercializado no Estado de SP, a desvalorização mensal chegou a 1,36%. Mesmo assim, o poder de compra do pecuarista teve uma queda de março para abril de 1,75%, tendo em vista a desvalorização de 3% da arroba do boi gordo. Para adquirir uma tonelada do fertilizante fosfatado no mês de março, o pecuarista despendia 8,16 arrobas, mas em abril precisou de 8,3. Contudo, quando comparada com abril de 2004, a relação de troca do pecuarista em abril deste ano apresentou uma valorização de 10%, já que no ano passado eram necessárias 9,24 arrobas para uma tonelada do adubo.



Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Abril/2005



Bezerro (@/cabeça)



Bezerro: É o quarto mês de baixa consecutiva no preço do bezerro. Porém a queda de março para abril foi de apenas 0,35%, menor se comparada à desvalorização da arroba. Como consequência, o pecuarista precisou dispendir 2,8% a mais para a aquisição de uma cabeça de bezerro. Em março deste ano, o produtor de boi gordo precisava de 6,63 arrobas para uma cabeça de bezerro nelore, de 8 a 12 meses, no mercado paulista; já em abril, foram necessárias 6,82 arrobas para a mesma compra. Nos últimos doze meses, a queda de 3,15% no preço do bezerro e a desvalorização de 6,41% da arroba resultaram numa perda de 3,5% no poder de compra do pecuarista frente ao seu principal insumo.